

Algumas ideias sobre ideias de teatro

com Francisco Frazão



© Stephen Cumminskey

Ter 15 de setembro
Definições (“What’s in a name?”)

Ter 22 de setembro
Comunidade/Separação

Ter 29 de setembro
Íntimo/Político

Seg 5 de outubro
Encenação/Dispositivo

Alguém que acha que a faca é verdadeira, alguém que se limita a dar nome a um espaço, que bebe a última gota de gin, que pergunta se estamos a ver bem, alguém que encontrou semelhanças entre um cubo e uma autoestrada, que lê um romance em seis horas, que desenha uma cruz na testa, alguém que foge do ecrã para entrar no filme, que projeta o filme do avesso, que canta uma autobiografia, que faz perguntas sem parar, que carrega sofás. Alguém (eu) que viu ou leu estas coisas e quer continuar a falar delas.

O que proponho é um percurso parcial – isto é, fragmentário e subjetivo – por alguns textos do último meio século e alguns espetáculos da última década

(bocados de textos, bocados de espetáculos), à procura nuns e noutros de ideias de teatro e confiando em Deleuze quando diz que “não se tem uma ideia em geral”. Atravessaremos para as desemaranhar uma floresta de oposições como as que dão título a três das conferências, desnorteados por ainda outras polaridades: teatro/*performance*, presença/representação, espectador/testemunha, ironia/sinceridade, narrativa/catálogo... O caminho olha-se ao espelho: é sobre teatro e definições de teatro, sobre peças que são sobre teatro, talvez sobre a palavra “sobre”. Mas é um espelho deformado, diferido (mostra o passado), um espelho que às vezes até se volta para o mundo.

Os textos serão de Osório Mateus, Jacques Rancière, Michael Fried, Stanley Cavell, Peter Brook, Sarah Kane; e os espetáculos de Tim Crouch, Elevator Repair Service, Angélica Liddell, Teatro Praga, Cão Solteiro, Forced Entertainment, Nature Theater of Oklahoma.

Francisco Frazão

Comunidade/Separação

Depois de um percurso na semana passada por alguns pontos chamados teatro, começaremos esta sessão com mais um par de nomes inimigos, teatro e *performance*, interrogando uma dicotomia habitualmente dobrada pela que opõe presença a representação. Veremos como a palavra *performance* é também ela vítima de ilusões e sujeita a algumas torções e equívocos. Depois, se etimologicamente *theatron* é o “lugar de onde se vê”, faremos a viagem em sentido contrário ao da sua evolução: o centro será ocupado pelo espectador e pelas várias tentativas de o transformar.

Analisando a fronteira entre espectador e testemunha, e também entre ver, agir e conhecer, partiremos sobretudo de Jacques Rancière para pôr em causa a ideia do teatro como experiência inescapavelmente comunitária. As propostas do filósofo serão confrontadas com *O Autor*, espetáculo de Tim Crouch “que acontece dentro do seu público”.

Francisco Frazão é programador de teatro da Culturgest. Fez o curso de Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês) na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Integrou a comissão de leitura dos Artistas Unidos entre 2000 e 2004. Traduziu Beckett, Pinter, Stephen Greenhorn, Howard Barker, Tim Crouch, Abi Morgan, Katori Hall, Chris Thorpe, Tim Etchells. Tem publicado artigos e dado aulas sobre teatro, cinema e literatura.

CONFERÊNCIAS TER 15, 22, 29 DE SETEMBRO E SEG 5 DE OUTUBRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO